

PROCEDIMENTO GERAL AO SE TRADUZIR

A BIBLIA PARA OS ABORIGINES

John Beekman

Tradução de: Lizbeth Souza de Carvalho

Revisão de: Júnia de Souza Puglia

INTRODUÇÃO

Os procedimentos aqui esboçados pretendem dar ao tradutor principiante uma orientação geral com relação à escolha, ao treinamento e à utilização dos seus auxiliares de tradução. Apresenta os passos que provaram ser eficazes quando se passa do estudo da língua para o trabalho de tradução preliminar, e deste, até a tradução mais aprimorada. Estes procedimentos são o resultado da experiência de vários tradutores da “Wycliffe Bible Translators” (Associação Wycliffe para Tradução da Bíblia), que trabalham entre os grupos aborígenes, grupos esses que nunca tiveram textos traduzidos para a sua própria língua. Entretanto, estes procedimentos foram elaborados com base nas situações que se referem somente à Wycliffe. Não se pretende afirmar que sejam exaustivos, uma vez que representam idéias tiradas de várias fontes, inclusive de debates dos seminários anuais realizados nos “Translation Workshops” (Seminários de Tradução), desde 1958. Muitos tradutores certamente têm feito observações importantes baseados nas suas experiências, mas que não foram incluídas aqui.

O primeiro tópico a ser abordado – o treinamento e a utilização eficiente dos auxiliares de tradução - é tão vital numa boa tradução que o autor chegou a pensar se não seria mais apropriado desenvolvê-lo separadamente, com maiores detalhes, ao invés de tratá-lo de forma tão superficial, como parte do procedimento geral. Pode ser que alguém desenvolva este assunto de maneira mais adequada.

I. AUXILIARES DE TRADUÇÃO – INFORMANTES

E impossível para um missionário-tradutor aprender a cultura e língua de um grupo aborígene sem a ajuda constante de pelo menos um falante nativo. Além do mais, se o tradutor não souber aproveitar de forma eficiente seus auxiliares, a tradução terá pouco valor ao tentar transmitir a mensagem do evangelho. Uma tradução fiel e idiomática somente será possível se o tradutor souber selecionar corretamente seus auxiliares de tradução, conseguir prever os problemas que eles terão e conseguir penetrar no conhecimento da língua e cultura deles.

A. Seleção dos informantes

1. Escolha de vários elementos. Ao iniciar o trabalho junto a um determinado povo, o tradutor pode ter a felicidade de encontrar, desde cedo, um falante nativo com o qual possa trabalhar. No entanto, é preferível que ele consiga vários informantes o quanto antes, ao invés de apenas um. Normalmente, depois de o tradutor passar alguns anos entre um povo, e depois de ter prestado a eles um serviço relevante, ele poderá escolher o informante que quiser.
2. Escolha de membros integrantes da cultura. Ao escolher o informante, é preciso ter certeza de que ele possui um pleno conhecimento da língua, dos costumes e das crenças de seu povo. Em geral

há alguns membros do grupo que estão à disposição para ajudar e que dão a impressão de serem auxiliares eficientes; no entanto, deve-se tomar cuidado com eles. Dividem-se em duas classes: os adolescentes e os bilíngües. Esta última pode ser subdividida em: seminaristas, professores de 1º e 2º graus e aqueles que aprenderam uma profissão fora do grupo. Muitas vezes essas duas classes não conhecem grande parte do vocabulário social e religioso; o adolescente, por ser muito jovem, e o bilíngüe, por passar longos períodos longe da convivência com sua cultura. No entanto, apesar de os bilíngües nem sempre terem um conhecimento adequado de sua própria cultura, é, muitas vezes, aconselhável (por questões práticas e também por causa das relações públicas) incluir um ou mais deles como informantes. Sua ajuda irá dar prestígio ao trabalho final, contribuindo também para que a tradução seja mais facilmente aceita pelo grupo.

3. Escolha de informantes que sejam líderes. A participação dos líderes cívicos e religiosos poderá servir simplesmente para mantê-los inteiramente informados a respeito das atividades do tradutor como também expô-los à verdade do evangelho. Em algumas situações isto é aconselhável; em outras, é indispensável para o bom andamento do trabalho. Nas tribos em que não há cristãos, este procedimento é aconselhável para que a difusão do evangelho e do material traduzido seja feita através de um informante que, ao se tornar cristão, já seja um líder natural do grupo. Nas tribos onde já há cristãos, seria insensato passar por cima dos líderes do movimento evangélico só por eles não possuírem as qualificações ideais. É essencial achar algo em que possam ajudar. Por exemplo, deixá-los revisar o primeiro manuscrito, ou o próprio tradutor elaborar uma lista de perguntas sobre as quais seja importante conhecer a sua opinião. Os cristãos poderão deixar de ler uma boa tradução simplesmente porque seus líderes não foram consultados durante o trabalho. Isto irá refletir negativamente no trabalho do tradutor.
4. Escolha daqueles que demonstram aptidão para o aprendizado. Antes de iniciar a tradução, o tradutor já deverá ter trabalhado com os informantes durante a aprendizagem da língua. Se os mesmos informantes forem ajudar na tradução, a função deles irá mudar. Como auxiliares na aprendizagem da língua, eles eram os professores, e davam sempre a palavra final. Como auxiliares de tradução, há muito para eles aprenderem, e muitas perguntas serão discutidas detalhadamente e objetivamente antes de chegar-se a uma conclusão. Um informante não está pronto para aprender quando interpreta uma discussão como falta de confiança na sua própria capacidade, ou quando se ofende com a escolha de uma solução diferente da que ele propôs.

B. Problemas que podem surgir por parte dos informantes

A colaboração do informante poderá ser reduzida a uma farsa, a não ser que se consiga estabelecer e manter um relacionamento sólido com ele, baseado na confiança e no respeito mútuos. Para todos os efeitos, sua presença fiel poderá chegar ao ponto de apenas acenar com a cabeça enquanto o tradutor monologa. Este precisa saber captar e levar em consideração os problemas que o informante poderá estar enfrentando. Só assim ele poderá prever, ajudar e resolver os problemas do outro. Alguns dos problemas encontrados são:

1. Relutância em ensinar sua própria língua. Quando os membros da Wycliffe se instalam num local novo, em geral levam consigo sua autorização para residirem ali, apresentando-a às autoridades locais. A partir deste momento, é responsabilidade do tradutor conseguir estabelecer-se e manter um bom relacionamento com o grupo. Através do serviço prestado ao povo e da demonstração de amizade, ele poderá ajudar o informante a superar esta relutância.
2. Relutância em revelar suas crenças. Isto pode ocorrer devido ao medo de passar ridículo diante do tradutor ou de receber represálias do mundo dos espíritos. O medo do ridículo implica que dúvidas já começaram a surgir com respeito às suas crenças, ou que estão percebendo que nem

sempre os outros povos compartilham de suas crenças. Para superar este medo, já foi comprovado que o relato de uma mágica semelhante, tirada da cultura do tradutor estimula-os a falar. Outras "superstições" também podem ser apresentadas, Mas de forma neutra, especialmente quando se trabalha com incrédulos. Se o tradutor demonstrar, através de suas expressões faciais ou palavras, Que estas "superstições" não são dignas de confiança, o falante nativo é capaz de revelar somente aquelas que se enquadram nesta mesma categoria. Quando o informante aventura-se a dar um exemplo de sua própria cultura, não se pode ridicularizá-lo. Do mesmo modo, se o interesse do tradutor é aprender mais sobre a motivação do povo, ele não deve corrigi-lo quanto às suas crenças e práticas. A esta altura, o mais importante é o conhecimento sobre o povo. Outro modo de coletar dados que sejam muito pessoais ou que causem perplexidade é perguntar no que outra pessoa desta ou de outra aldeia crê e como encara esta situação. O tradutor entre os Huicholes (México) usou este método para obter informações sobre como as pessoas se transformavam em animais .

Numa sociedade aborígine bem integrada é muito difícil obter informações sobre assuntos que sejam tabu. Neste caso, o nativo não tem tanto medo do ridículo, mas sim, medo de que os espíritos possam feri-lo ou destruir sua propriedade. Em geral é inútil, e inclusive prejudicial, dentro dos objetivos do tradutor, tentar insistir numa discussão a este nível. Somente aqueles que quebraram os laços com a crença tradicional é que poderão ter vontade de falar sobre este tipo de assunto.

3. Relutância em reconhecer o valor da sua língua. Quando um grupo aborígine dá muito valor à língua nacional, a tendência é, muitas vezes, de depreciar sua própria língua. O bilíngüe, deste modo, preferirá usar o máximo de palavras emprestadas, construirá frases com a estrutura sintática da língua nacional ou reconstruirá idiomatismos literais, substituindo apenas os itens lexicais por seus equivalentes. Para resolver este problema, o tradutor precisa demonstrar um real interesse pela língua vernácula, sem criticar a língua nacional. Poderá comparar as construções gramaticais, expressões idiomáticas e figuras de linguagem usando sua própria língua, a língua vernácula e a língua nacional. Uma comparação deste tipo demonstrará como cada língua usada nesta experiência é sui generis: tem seu próprio modo de expressar de maneira correta e significativa algo que não é dito da mesma maneira em nenhuma das outras línguas.
4. Relutância em revelar que não compreende determinado versículo das Escrituras. Novamente, ao invés de se concentrar no informante, o tradutor deve perguntar o que uma mulher que não sabe ler entenderia pelo versículo. Ou se ele estiver trabalhando com um cristão e este interpretar o versículo com base na sua própria experiência e conhecimento, é essencial perguntar o que um incrédulo entenderia ao interpretá-lo.
5. Relutância em sugerir novas modificações quando o tradutor trabalha com um rascunho recém passado a limpo. Certa vez um tradutor derramou, de propósito, um pouco de chá num rascunho novo a fim de criar uma situação onde pudesse explicar que, por esperar novas modificações no texto, ele iria, de qualquer maneira, redatá-lo e corrigir o trabalho todo. Em geral, uma simples explicação pode resolver este problema.
6. Relutância em criticar ou modificar o trabalho do tradutor. Em alguns casos, os informantes ajudam na tradução por dedicação, com o desejo de proporcionar as Escrituras para seu povo. Em outros casos é necessário 'contratar' os informantes. De qualquer maneira, eles sempre desejam agradar; porém, o informante 'contratado' geralmente tem mais receio em criticar o trabalho do seu chefe, pois não quer pôr o seu emprego a perder. Muitas vezes isso ocorre porque o próprio tradutor fica debatendo, criticando e ridicularizando o informante, elogiando-o somente quando concorda com ele. Qualquer sugestão que o informante der deverá ser examinada, mesmo o tradutor sabendo que é inútil ou errada. Outra forma de desestimular o

informante a dar sugestões seria dizer: "Mas isto é igual ao que já tenho. Qual é a diferença entre os dois?" Deve-se dizer de preferência, "Muito bem. agora você está raciocinando. Vamos analisar e ver se é disto que precisamos aqui". mesmo que prove não ter nenhum valor, irá ampliar o conhecimento da língua e cultura, permitindo talvez que surja outro contexto onde possa ser usado. Neste caso um elogio bem merecido pode ser dado a fim de que o informante não desanime. O tradutor que consegue fazer com que seu auxiliar entenda que as sugestões são desejadas. propiciará que críticas construtivas surjam de forma livre e freqüente.

C. A utilização eficiente dos informantes

Exclui-se o perigo de uma tradução deficiente quando os seguintes passos são observados:

1. Usar o idioma. Como regra geral. nenhuma parte da tradução deve ser feita em outra língua a não ser na do povo para o qual se está traduzindo. Dr. Eugene A. Nida (da Sociedade Bíblica Unida) não conhece nenhuma tradução aceitável em que o tradutor tenha usado uma segunda língua. conhecida tanto pelo informante como pelo tradutor. Normalmente. o informante não conhece a língua nacional tão bem quanto a sua própria. O missionário-tradutor Que trabalha num país estranho também não conhece bem a língua nacional. Se a tradução for feita desta forma. terá muitos erros devidos às diferenças entre a língua nacional e a vernácula. em função das diferenças entre as duas culturas e da falta de uma comunicação adequada entre o tradutor e o informante.

Em alguns casos, é aconselhável alternar o uso da língua nacional com a vernácula. A língua piro, do Peru, possui cerca de Quarenta diferentes marcadores de aspecto, que mesmo agora, depois de o Novo Testamento já estar publicado, ainda não são totalmente dominados pela tradutora. Se ela tivesse que discutir uma passagem das Escrituras usando a língua vernácula, teria sido forçada cada vez a escolher entre estes quarenta aspectos. Qualquer que fosse o marcador escolhido, teria influenciado na compreensão do versículo. Portanto, todas as explicações iniciais, neste caso, foram dadas em espanhol. A medida que uma passagem ia sendo transcrita para o papel, toda a análise passava a ser feita na língua vernácula. Certo tradutor cuicateco (México) também achou que este procedimento seria melhor, pois na língua que ele estudava havia um grande número de pares semânticos, que se distinguia:n apenas pelo tom.

2. Fazer pesquisas adicionais nos livros de referência antes ou depois da sessão com o informante, a menos que ele não se importe com o tempo gasto e o processo que envolve de fazê-las durante a sessão. Os indígenas piro, do Peru, por exemplo, muitas vezes apontavam para determinado livro e diziam: "Bem, antes de continuarmos, é melhor olhar naquele livro". Em geral, porém, cria um situação maçante para o informante, deixando-o sonolento ou desatento enquanto espera o tradutor pesquisar nos comentários bíblicos. Isto prejudica a concentração do informante durante o estudo de determinada passagem.
3. Trabalhar com um informante só de cada vez. Apesar deste princípio, o tradutor entre os indígenas tzeltal achou melhor trabalhar em grupo. A maioria, no entanto, acha que trabalhar em grupo não funciona, pois tudo que o líder do grupo disser, acaba sendo, automaticamente, a opinião dos outros também. Quando os membros do grupo são consultados individualmente, eles, muitas vezes, apresentam uma opinião mais precisa e detalhada que a do líder. Também quando se trabalha com o informante separadamente, deve-se ter uma lista do que cada um falou sobre cada versículo. Escrever as iniciais do nome do informante ao lado de cada comentário ajudará o tradutor quando tiver que escolher entre várias opiniões.
4. Planejar cada sessão de acordo com o rendimento e o interesse do informante. Varia de pessoa para pessoa, mas em geral é difícil para quem está acostumada a trabalhar fora, passar a trabalhar dentro de casa ou num escritório sentada numa escrivaninha. Depois de um longo período de

trabalho, o informante pode ficar melancólico ou mal-humorado. Ao invés de esperar que chegue a este ponto, pode-se verificar se ele está alerta e interessado, fazendo perguntas sobre a estrutura gramatical ou justaposições erradas (este é, também, um método bom para estimular o informante a corrigir o trabalho do tradutor). Vários tradutores já passaram pela experiência de ver que o informante comete erros banais quando o interesse diminui. Então é o momento de parar. Muitas vezes, quando o informante perde o interesse ou fica sonolento, não é preciso parar de trabalhar; basta mudar de ambiente. Pode ser um cafezinho, uma caminhada, um assunto bem diferente, uma piada, um jogo de bola ou qualquer outra diversão que relaxe. Cinco, dez ou quinze minutos gastos desta forma podem ser o suficiente para despertar a mente e fazer voltar o interesse pelo trabalho.

5. Não permitir que o informante se limite a usar uma só versão da Bíblia na língua nacional durante a tradução. Quando isto acontece, suas respostas são, em geral, prejudicadas pela estrutura gramatical e a escolha dos itens lexicais daquela versão. Se o informante insistir em usar a versão na língua nacional ou na língua franca, então é melhor providenciar várias versões diferentes. Que empreguem um vocabulário e estilo diferentes. Isto pode ajudá-lo a reconstruir a idéia de forma menos literal.
6. Dar e solicitar alternativas. Quanto mais alternativas o tradutor puder dar para determinada idéia, mais fácil será encontrar uma forma exata e idiomática. Quando confrontado com três ou quatro sugestões, o informante terá que pensar antes de escolher a melhor. Durante este processo ele muitas vezes esquece as palavras usadas como alternativas e dá uma idéia com outras palavras, de forma mais natural. Na realidade, o informante pode ser encorajado a desenvolver as suas próprias alternativas ao invés de escolher dentre as do tradutor.

Quando o informante faz a sua escolha, o tradutor pode ser tentado a perguntar por que a fez. É uma pergunta injusta e deve ser evitada. Esta pergunta baseia-se provavelmente nas implicações estilísticas da língua e estas são muito difíceis de se verbalizar. Ainda mais, a pergunta "Por quê?" nesta situação poderá ser interpretada como uma insatisfação do tradutor na resposta escolhida pelo informante. O tradutor deve agradecer pela resposta e registrá-la.

7. Evitar perguntas que exijam respostas do tipo sim/não. Num dos seminários de tradução, os tradutores foram questionados quanto à técnica que empregavam ao trabalhar com os informantes. Era impressionante ver como muitos ainda tinham o hábito de fazer perguntas que exigiam como resposta um 'sim' ou 'não'. As perguntas mais usadas foram: "Isto soa direito?" ou "Assim está bem?" Este tipo de pergunta é simplesmente inútil para determinar se o versículo transmite o sentido correto. A função primária destas é saber se o informante responderá com uma opinião positiva ou negativa. Um dia ele poderá responder 'sim' e no outro 'não' para a mesma pergunta. Sua resposta poderá ser apenas uma suposição. As vezes, no entanto, o informante pode tomar a iniciativa de fazer uma pergunta que revele um problema não previsto. Outras vezes ele responde com o mesmo resultado. Certa vez um tradutor perguntou se Mc. 8:36 soava bem assim: "Que aproveita ao homem ganhar o "mundo inteiro e perder a sua alma?" O informante respondeu afirmativamente. Quando o tradutor fez uma nova revisão sob outra perspectiva, perguntou Qual seria a resposta retórica para a pergunta. Para surpresa sua, o informante respondeu: "Tudo". Quando lhe foi perguntado por que perder sua alma significava ganhar tudo, a resposta inesperada foi: "Quem morrer fazendo a obra de Deus será altamente recompensado" .

Perguntas mais inúteis ainda são as do tipo: "Está certo, não está?", "Ninguém pensaria nisto, não é?", "Todo mundo vai entender isto, não vai?" Ao invés de fazer perguntas que exijam respostas do tipo sim/não, deve-se fazer perguntas que começam por "quem, o que, onde, quando, como e

por que". Perguntas deste tipo informem sobre a Quantidade, modo, tempo, local, agente, objeto direto, objeto indireto, propósito, causa, ação, estado, etc. .t geralmente melhor começar fazendo ~na pergunta genérica ao verificar o sentido de um versículo. Por exemplo: "O que este versículo significa para você?" requer uma explicação sobre todo o versículo. A pergunta: "O que este versículo significa para Fulano?" tem o mesmo êxito, só que de outra perspectiva. Outra forma direta de lidar com o versículo todo, excluindo a necessidade para outras perguntas é: "Como você diria isto?".

8. Não cansar o informante com as mesmas perguntas, nem insistir na discussão de um problema específico. Ao procurar diferentes formas de expressar conceitos difíceis, ou ao estudar o significado cultural de termos tais como: pecado, espírito, santo, etc., pode-se ficar perplexo e passar a fazer uma série de perguntas inúteis, sem atingir o objetivo, que é conseguir mais informações. Ao se dar conta, o informante poderá interpretar como se ele mesmo estivesse falhando. O tradutor deve evitar este tipo de pergunta e estar pronto para continuar com outro assunto.
9. Não limitar as perguntas às questões teológicas. Justamente por causa da natureza da revelação, os problemas teológicos, há muito em discussão, normalmente não serão resolvidos na tradução. O alvo é incluir o valor estilístico e comunicativo de uma passagem inteira das Escrituras.
10. Não limitar a revisão perguntando simplesmente qual é o termo equivalente na língua nacional. Na realidade, este tipo de abordagem para verificar a fidelidade ou o significado da tradução não deve ser usado. É preferível pedir situações e exemplos de comportamento onde a palavra é empregada. Somente ao notar o contexto natural da palavra é que determinar-se-á se foi usada corretamente ou não, dentro do contexto bíblico.
11. Usar informantes que nunca tiveram contato com o texto. Os informantes cristãos bilíngües que já leram a Bíblia na língua nacional ou que já assistiram a cultos onde a língua nacional é falada terão idéias pré-concebidas com relação ao significado de cada versículo. Isso também ocorre, de forma mais limitada, com os informantes monolíngües que são cristãos há muito tempo. Embora a tradução de um determinado versículo seja bastante deficiente, este tipo de informante consegue ler nas entrelinhas aquilo que ele crê que deva ser ensinado ou aquilo que a sua experiência cristã determina. Sua contribuição, neste caso, não é tão valiosa, pois ele tem dificuldade em separar aquilo que ele pensa ser daquilo que o versículo realmente está dizendo.

Independente do método que se escolha no preparo do primeiro rascunho, chega a hora em que diversos informantes Que tiveram pouco ou nenhum contato anterior com o cristianismo terão adquirido, através do contato com a tradução, um conhecimento daquilo que cada versículo significa. Isto se aplica tanto aos monolíngües como aos bilíngües. Neste ponto eles ainda poderão verificar os significados e a ordem das palavras fora do contexto bíblico, mas as respostas para as passagens nas quais já trabalharam são normalmente condicionadas pela discussão prévia e a compreensão adquirida pela passagem. Em algum ponto durante a revisão da tradução, é importante usar um informante que nunca teve contato com aquele determinado trecho. Desta forma, descubrem-se as ambigüidades e as conotações indesejáveis, assim como as justaposições e significados errados. Quando não é possível seguir este método, às vezes um informante que ajudou no preparo do manuscrito pode ser útil, se não estiver mais condicionado ao significado, deixando passar algumas semanas ou meses antes de fazer uma nova revisão.

12. Usar as sugestões daqueles que trabalham como informantes por cortesia. Como já foi observado, é aconselhável incluir na equipe dos informantes aqueles cuja contribuição primária é o seu prestígio e a aprovação do trabalho final. É um erro, no entanto, só pedir conselhos, sem

usar algumas de suas idéias. A decisão de quais sugestões irão ser usadas não precisa ser revelada. Anota-se todas e avalia-se cada uma, tanto as boas como as duvidosas. As sugestões duvidosas são, geralmente, aquelas com as quais o informante tem uma forte ligação particular, por um motivo ou outro.

II. TRABALHO PRELIMINAR DE TRADUÇÃO

O trabalho preliminar de tradução consiste no preparo de pequenas narrativas e na coleta e estudo de palavras que representem conceitos importantes para a mensagem do Evangelho. Antes de tomar a sério a tradução das narrativas, o tradutor já terá empregado algum tempo na análise e aprendizagem da língua. Não é de se esperar que, neste estágio, ele pare de estudar a língua, nem adie o trabalho de tradução até que consiga resolver todos os problemas lingüísticos. Protelar injustamente o trabalho de tradução é tão desastroso quanto tentar iniciá-lo antes da hora. Preparar uma lista de verificação ou um questionário irá mostrar ao tradutor onde é preciso um estudo mais minucioso e também onde ele dependerá totalmente da ajuda do informante.

A. Narrativas

Certa vez um tradutor começou a selecionar e traduzir vários versículos do livro de Romanos para, mais tarde, descobrir que a sua tradução fora considerada mística e religiosa, por não transmitir o significado real. O tradutor inexperiente deve aprender os princípios de tradução e tentar resolver os problemas à medida que aparecerem. As narrativas são mais fáceis de traduzir do que o material didático. Elas geralmente são objeto das primeiras tentativas de tradução da mensagem bíblica. Existem três tipos de narrativas a serem elaboradas: a história, a síntese e a forma textual bíblica.

1. Histórias bíblicas. Dentro do processo de preparação de histórias bíblicas, logo ao chegar à tribo, o método a seguir tem sido útil: depois de escolher a história a ser traduzida, o informante precisa familiarizar-se com a narrativa. Assim que ele puder relatar a história no seu próprio estilo, deve-se fazer uma gravação deste relato. Depois de transcrito, é preciso verificar se não houve omissões ou acréscimo de informações irrelevantes. Verificar a aceitabilidade do conteúdo. Finalmente, verificar com os leitores nativos o conteúdo assim como a facilidade de compreensão pelos mesmos através da leitura.

O tradutor principiante tem menos problemas ao preparar histórias bíblicas. Algumas das vantagens são:

- a) as histórias bíblicas podem ser preparadas sem uma correspondência rígida ao texto original, devendo, portanto, ser mais idiomáticas e apresentar menos condições de violar a estrutura formal e semântica da língua receptora. Isto não significa que se pode tomar liberdades quanto ao conteúdo da história, mas permite maiores condições de reagrupar os parágrafos, escolher as equivalências lexicais, parafrasear os conceitos difíceis, etc.
- b) a escolha e a repetição de palavras, a complexidade e o comprimento da frase podem ser selecionados levando-se em consideração leitores diferentes. Isto ocorre até certo ponto na tradução direta, mas não tanto quanto, por exemplo, numa série progressiva de histórias bíblicas preparadas para os índios navahos nos Estados Unidos. O primeiro livro da série emprega letras de imprensa e uma frase curta em cada linha com um espaço entre as linhas. Esta série ajuda os leitores a fazerem a transição para lerem o evangelho de Marcos.
- c) detalhes da cultura que não convém revelar podem ser omitidos.
- d) as histórias bíblicas simples podem eliminar os preconceitos existentes com relação ao uso do idioma, como aconteceu entre os Aztecas Guerreros do México.

- e) as histórias do Antigo Testamento dão uma base para entender o Novo Testamento. Uma série deste tipo foi preparada para os Choles, no México, que, começando pela criação, relata a história de Israel. incluindo a maioria dos personagens e lugares mencionados no Novo Testamento. Uma seleção parecida, que inclui só o Pentateuco, foi preparada para os Huicholes, no México.
 - f) as histórias podem ser selecionadas de acordo com a sua relevância cultural. O episódio entre José e a esposa de Potifar é útil para aqueles povos que não possuem um sentimento de integridade moral. A história dos três jovens hebraicos para aqueles que têm por base cultural a idolatria. Daniel e a cova dos leões para aqueles que têm medo de cortar os laços com o tradicionalismo. A solução encontrada por Ló e Abraão sobre os limites de terra, para aqueles que enfrentam este tipo de problema. As histórias de Gênesis, para aqueles cujo interesse principal está nas origens.
 - g) as histórias bíblicas provêem um teste preliminar de termos a serem usados no Novo Testamento.
 - h) as histórias de ação que revelam os atributos de Deus dão uma compreensão mais nítida de quem Deus é. Para a maioria dos grupos aborígenes, Deus está longe, é impessoal, irado, amoral, não-soberano, ou nem chega a ser uma combinação destes. A melhor maneira de corrigir estes conceitos é fornecer a eles histórias que contem o que Deus fez, ao invés de traduzir material didático que fale sobre Ele. Conhecemos Deus melhor pelo que Ele fez e não pelo que se diz sobre Ele.
 - i) as histórias bíblicas preparam o informante para receber oportunamente um material religioso que ele já presume cheio de significado e recebe com naturalidade. Na América Latina isto é muito importante, pois, em geral, não se espera que a religião ou os cantos do xamã sejam compreendidos.
2. Sínteses. O 'Summer Institute of Linguistics' na Pádua Nova Guiné preparou o livro de Gênesis na forma de síntese, que consiste, na sua maior parte, em acontecimentos narrados. Além do mais, Gênesis é de suma importância para se compreender o Novo Testamento, mais do que qualquer outro livro do Antigo Testamento. Nesta forma de síntese, muitos dos conceitos difíceis são simplificados de modo que o tradutor possa iniciar sua tarefa logo que chega à tribo. As vantagens descritas nos itens a, d, e, f, g, h, i também se aplicam aqui.
3. Forma textual. As histórias de ação podem ser traduzidas seguindo o texto das Escrituras. As vantagens descritas nos itens de "d" a "i" em "I. Histórias Bíblicas" também se aplicam aqui. A "World Home Bible League" (Liga Mundial da Bíblia no Lar) e a "Scripture Gift Mission" (Missão Doadora das Escrituras) estão dispostas a publicar material na forma narrativa. A "American Bible Society. (Sociedade Bíblica Americana) já publicou para os Mixtecos, no México, "A Vida de Cristo", que consiste em pequenas seleções tiradas dos quatro Evangelhos.

B. Observar e estudar as palavras ou expressões que poderão corresponder aos conceitos importantes das Escrituras

Se a pessoa ouvir de forma seletiva e estuda os textos na língua vernácula com muita atenção, já terá uma lista de palavras que provavelmente poderão ser usadas no Novo Testamento. Muitas destas palavras representam conceitos distintos cujo significado tem ligação com a estrutura social e religiosa do povo. Outras não serão compatíveis com as verdades bíblicas, outras ainda perderão as conotações passíveis de objeção no contexto das Escrituras. Palavras do tipo: pecado, culpa, vergonha, maldade, Deus, santo, graça, espírito, Espírito Santo, diabo, demônio, amor e sacrifício não devem ser usadas na tradução da Bíblia até que haja uma longa lista de situações e justaposições que já foram ouvidas na fala ou na gravação dos textos na língua vernácula. Quando estas palavras

ou mesmo outras forem ouvidas num diálogo, deve-se escrever o mais precisamente possível todo o contexto lingüístico na qual ocorrem e a frase deve ser anotada palavra por palavra. As frases que a antecedem ou seguem podem ser escritas de forma mais livre. Não se pode esquecer, no entanto, da situação física onde o diálogo ocorreu, na ida para a roça, após a morte de um amigo, depois de uma briga, depois de paga uma multa, uma fofoca, etc.

N.B. A parte III não foi incluída nesta apostilha. Ela foi deixada para ser estudada num curso mais intensivo de tradução.

LEITURAS COMPLEMENTARES

Em inglês há um livro e um periódico disponíveis:

Nida, Eugene A. Bible Translation, American Bible Society, New York, 1947.

Procedure: pp. 71-97

Preparation of Manuscript: pp. 280-287

et alii. The Bible Translator United Bible Societies, London, 1950-1951.

Informants: Volume 1, p. 34ff, 1: 56ff, 3:24f, 3:80, 8:115ff,
8:176f, 11:68, 11:133f, 12:7, 12:129, 13:171.

Translation Checking: Volume 1, p. 55f, 1:65ff, 2:179, 4:34ff
5:45, 5:86, 5:176ff, 7:27, 8:210, 9:146, 11:82ff, 12:119

Choice of Book: Volume 1:63, 8:136, 12:33

Checking a Translation for Consistency: 5:176ff, 11:107f,
11:149.

Procedure: Volume 2, p. 40f, 2:85, 4:27ff, 4:55f, 5:85f, 6:101, 8:175ff,
11:40ff, 11:82ff.

National Translators: 10:144, 12:60.

Native Translators: 1:36f, 7:159.

Bible Stories: 11:86, 12:1ff.

A Questionnaire for Translators: 12:119.

measuring Naturalness in a Translation: 14:49ff, 14:63ff.